

INFORMAMOS QUE ESTA É UMA PRIMEIRA VERSÃO DO TEXTO APROVADO PARA PUBLICAÇÃO. ESTE ARTIGO AINDA PASSARÁ PELA FASE DE REVISÃO E DIAGRAMAÇÃO.

ID: 3017

DOI: <https://doi.org/10.30962/ecomps.3017>

Recebido em: 22/02/2024

Aceito em: 16/01/2025

Guerras culturais e música pop: Anitta, Ludmilla e Pablo Vittar sob alvo da extrema-direita

Rafael Zincone

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: Este artigo aborda a cultura pop como força mobilizadora de debates de ordem política no momento de ascensão da extrema-direita no Brasil. Assim, o objetivo é investigar de que modo esses discursos difamatórios mobilizaram, de um lado, valores sociais reacionários e, de outro, como cantoras pop constituíram vetores de reflexão na esfera política a partir de seus posicionamentos nas redes sociais digitais. Na empiria, apresenta pesquisa online de caráter qualitativa envolvendo controvérsias em redes sociais digitais referentes às artistas supracitadas e ao agravamento da polarização política nos últimos anos.

Palavras-chave: Cultura Pop. Guerras Culturais. Extrema-direita. Ativismo político. Controvérsias.

Culture wars and pop music: Anitta, Ludmilla and Pablo Vittar targeted by the far right

Abstract: This article is about pop culture as a mobilizing force for political debates at the time of the rise of the extreme right in Brazil. Thus, the objective of this paper is to investigate how these defamatory speeches mobilized, on the one hand, reactionary social values and, on the other, how pop singers constituted elements of political reflection in the public sphere based on their positions on digital social networks. Empirically, it presents qualitative online research involving controversies on digital social networks regarding these artists and the worsening of political polarization in recent years.

Keywords: Pop Culture. Culture Wars. Far right. Political activism. Controversies.

Guerras culturales y música pop: Anitta, Ludmilla y Pablo Vittar en la mira de la extrema derecha

Resumen: Este artículo aborda la cultura pop como fuerza mobilizadora de debates políticos en el momento del ascenso de la extrema derecha en Brasil. Así, el objetivo es investigar cómo estos discursos difamatorios movilizaron, por un lado, valores sociales reaccionarios y, por otro, cómo las cantantes pop constituyeron vectores de reflexión en el ámbito político a

partir de sus posiciones en las redes sociales digitales. Empíricamente, presenta una investigación cualitativa en línea que involucra controversias en las redes sociales digitales sobre los artistas antes mencionados y el agravamiento de la polarización política en los últimos años.

Palabras clave: Cultura pop. Guerras culturales. Extrema derecha. Activismo político. Controversias.

Introdução

Em *Limites da Democracia*, o cientista político Marcos Nobre (2022) propôs-se entender a radical mudança ocorrida com o uso da palavra *polarização*. Conforme o autor, o que se começou a chamar de polarização no início dos anos 2000, nada tem a ver com o significado desta palavra posterior a 2018. Nem PT nem PSDB – representantes dos “dois polos” da política à época – ameaçaram a democracia. Contudo, a eleição de Bolsonaro em 2019 levou o país a uma situação de “emergência democrática duradoura” (2022, p. 11) com a extrema-direita no poder. Mais do que um líder antissistema, Bolsonaro se considerava líder de uma revolta conservadora. Associava suas posições de extrema-direita à defesa de “tudo que é ético e decente” (p. 21) e identifica à esquerda “tudo que considera corrupto ou considera corrompido” (idem), do ponto de vista moral e comportamental.

Mesmo antes de sua chegada ao poder, entretanto, assistiu-se um aumento substancial de temáticas comportamentais em manifestações de rua de cunho conservador (Tatagiba; Trindade; Teixeira, 2015) bem como na plataforma eleitoral de partidos políticos (Codato; Bolognesi; Roeder, 2015). Se anteriormente protestos de rua capitaneados por setores políticos à direita pautavam-se por temas como corrupção e denúncias de mau uso da máquina pública, o eixo das manifestações mudou substancialmente de figura no contexto posterior a 2016. Dirigindo atenção às pautas das artes, da cultura e da música, diversas manifestações passavam a pedir, por exemplo, a suspensão da exposição *Queermuseum* em Porto Alegre, advogaram contra a alardeada *ideologia de gênero* em escolas e universidades, militaram a favor do projeto Escola sem Partido, entre outros casos¹².

¹ Bolsonarismo importa dos EUA teoria conspiratória sobre marxismo cultural. Folha de São Paulo. São Paulo, 13 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/01/bolsonarismo-importa-dos-eua-teoria-conspiratoria-sobre-marxismo-cultural.shtml>. Acesso em: 28 ago. 2023.

² Guerras culturais se acirram no Brasil, e quem vence é a direita de Bolsonaro. Folha de São Paulo: São Paulo, 29 out. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/10/guerras-culturais-se-acirram-no-brasil-e-quem-vence-e-a-direita-de-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 22 jan. 2024.

Em meio à pauta moral e comportamental, diversas *fake news* difundidas em direção a políticos opositores de Jair Bolsonaro, em especial Fernando Haddad e aliados, não pouparam ícones da música pop, especialmente Pabblo Vittar. Neste artigo, portanto, questiona-se *a priori* o que alguns ícones da cultura pop, do *showbusiness* (sem quaisquer traços de militância política organizada), teria tanto a incomodar aquela agenda de governo? Em um segundo momento, busca-se investigar qual de fato é a narrativa de artistas como Anitta, Ludmilla e Pabblo Vittar a respeito do governo de Jair Bolsonaro e o momento de sua eleição. Em seguida, questiona-se potências e limites das manifestações públicas dessas celebridades considerando os lugares que ocupam no mercado musical e um contexto político de maior ofensiva de extrema-direita.

Aqui arrisca-se a hipótese de que em um contexto de país novamente marcado pela polarização política, a moral privada e íntima de cidadãos à frente de um poder central busca inibir diversas formas de *ser* e de *significar* (Hall, 2003; Bhabha, 1998) no espaço público. Nesse artigo, esboça-se a ideia de que ataques da extrema direita a ícones da cultura pop demonstram a força da cultura como vetor de debates ideológicos e políticos.

A pesquisa na qual se baseia a presente discussão foi realizada inteiramente *online*, tendo em vista não somente a paisagem digital bolsonarista que se adensou desde as eleições de 2018, mas a convocação/mobilização de figuras do entretenimento musical por parte de figuras públicas ligadas ao então ex-presidente Jair Bolsonaro. Dentro do contexto brasileiro, a investigação reúne discussões conceituais sobre guerras culturais e a cultura pop como forma de ativismo e, na empiria, uma análise de caráter inicialmente exploratória e posteriormente interpretativa a respeito das *controvérsias* (Latour, 2012; Pereira de Sá, 2014) que emulam as tensões entre figuras políticas de extrema direita e as celebridades da música pop aqui em questão.

O trabalho foi, portanto, organizado em três seções. A primeira seção apresenta reflexão conceitual envolvendo *conspiracionismos* (Mahl *et al.*, 2013) e *guerras culturais* (Hunter, 1991), que constitui a base para a análise discursiva do conteúdo digital coletado. A segunda seção discute, a partir dos casos das cantoras, potencialidades da cultura pop em contexto de escalada autoritária no ambiente político brasileiro. Na última parte, finalmente, chega-se à análise empírica do objeto envolvendo embates entre políticos bolsonaristas e as cantores em redes sociais digitais.

Guerras culturais em contexto de ascensão neofascista

Dentro do campo conservador, exemplo notório de narrativas conspiratórias no Brasil é o termo *marxismo cultural* difundido e propagado localmente por Olavo de Carvalho e seus discípulos. Originou-se de artigo publicado pelo autor estadunidense Michael Minnicino, em 1992, com título *A nova idade das trevas*. Esse ensaio foi a fonte inicial da conspiração frequentemente mobilizada pelo conservadorismo contra valores progressistas – ou como denominam: “progressismo politicamente correto” (Ortellado; Silva, 2022, p. 17). Buscam, a partir dessa narrativa, explicar o porquê de instituições como universidades, meios de comunicação e artes reproduzirem valores a serem “instrumentalizadas pelo progressismo cultural” (idem). A alegação de acadêmicos e de grupos políticos conservadores/reacionários era de que a Nova Esquerda teria se organizado a partir da Escola de Frankfurt substituindo a luta política – em termos partidários e sindicais, por exemplo – por uma luta cultural. Olavo de Carvalho, denomina esse fenômeno de *gramscismo cultural*, isto é, a construção de uma suposta hegemonia cultural da esquerda fundada hipoteticamente na estratégia de empreender primeiramente uma “revolução da mente” para fins de uma “revolução política” (Carvalho, 1994, p. 14). Conforme Felinto (2020, p. 2-3), Carvalho utiliza-se das mesmas técnicas de construção de hegemonia (que acusa na esquerda) para a construção de uma mentalidade de direita reativa. Nessa linha de pensamento, movimentos identitários – feministas, negros e gays, que defendem a representatividade em obras de arte, seriam agentes de um suposto *marxismo cultural* – ainda que não tenham nada de marxismo. Por meio deste, confrontariam, supostamente, a família nuclear cristã sendo apologistas daquilo que grupos reacionários denominam de *moral sexual degenerada*³. Comumente, o fenômeno da guerra cultural aciona valores em torno de raça, sexualidade e comportamento usando o pânico moral como arma (Hunter, 1991; Cesarino, 2020, 2022; Rocha, 2021; Lynch; Cassimiro, 2022).

Se antes conspirações em torno da ideia de marxismo cultural eram pautas exclusivas de grupos de direita dos Estados Unidos nos anos 1990 (Hunter, 1991), com a eleição de Jair Bolsonaro tal expressão ganhou centralidade dentro da burocracia do Estado brasileiro. A nomeação do colombiano Ricardo Velez Rodriguez como Ministro da Educação constituiu exemplo imediato disso. Indicado à época por Olavo de Carvalho, defendia como objetivo principal da pasta o combate ao marxismo cultural exaltando instituições como família e a

³ Idem.

igreja⁴. Efeito direto no campo da cultura foi a definitiva extinção do MinC cujas principais atribuições anteriores diziam respeito a políticas de incentivo. Com seu fim, as pautas da cultura ficaram a cargo do então inaugurado Ministério da Cidadania, que, em suas primeiras demonstrações públicas priorizou políticas ligadas à regulação e fiscalização (que de algum modo alude a políticas de censura de outrora). Em outras palavras, tornaram-se frequentes ações de restrição a projetos culturais que não condissessem com o lema governista evocando moral, família tradicional e valores cristãos (Freitas; Targino; Granato, 2021).

Na análise que desenvolvem sobre o *populismo reacionário* de Bolsonaro, Lynch e Cassimiro (2022) destacam a centralidade de um grupo específico dentro de seu então governo responsável pela difusão narrativa da cultura política reacionária e autoritária.⁵ Esse núcleo duro denominado pelos autores como *núcleo reacionário radical* dominou um número considerável de ministérios, como o das Relações Exteriores, Meio Ambiente, Direitos Humanos, Comunicação, Educação e Cultura. Conforme os autores, a função desses ministérios passava menos por administrar do que por propagar a doutrina autoritária do chefe de Estado e, sobretudo, dar visibilidade à guerra cultural contra o “comunismo”, provocando deliberadamente polêmicas. Nessa linha, a guerra cultural é também baseada em diversas técnicas desenvolvidas por Steve Bannon para promover a permanente intimidação dos críticos e das instituições.

Na lógica que permeia as políticas de combate ao *marxismo cultural*, por exemplo, é possível ler em blogs alinhados a essas autoridades relatos conspiratórios que associam o termo a grandes expoentes da cultura pop nacional⁶. Seguindo Mahl e coautores, conspiracionismos seriam “explicações epistemológicas singulares que refutam explicações oficiais e oferecem, em seu lugar, explicações alternativas para eventos ou práticas que envolvem indivíduos ou grupos que agem em segredo” (2022, p. 17). A respeito disso,

⁴ Vélez exalta igreja e família e diz que MEC vai combater marxismo cultural. Folha de São Paulo, São Paulo, 2 jan. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/01/velez-exalta-igreja-e-familia-e-diz-que-mec-vai-combater-marxismo-cultural.shtml>

⁵ Segundo a qual a sociedade brasileira teria por base uma ordem social “natural” e harmônica, de índole cristã e patriarcal, garantida por pais de família viris e responsáveis pelo provimento de obedientes esposas e filhos (Lynch; Cassimiro, 2022, p. 71).

⁶ Exemplo disso é uma matéria postada no site Conexão Política, endereço eletrônico alinhado às ideias de Olavo de Carvalho, que associa as artistas Anitta, Ludmilla e Pablllo Vittar ao “marxismo cultural”. Entre diversos trechos da publicação, destaca-se o trecho: “O sistema pode ter escolhido especificamente os seus representantes no Brasil para difundir a bandeira do marxismo”, “Anitta representaria a pauta do feminismo; Ludmilla à bandeira contra o racismo e o Pablllo Vittar a figura da agenda LGBT”. A teoria dos três pilares: Anitta, Ludmilla e Pablllo Vittar. São Paulo: Conexão Política, 6 nov. 2018. Disponível em: <https://www.conexaopolitica.com.br/ultimas/a-teoria-dos-tres-pilares-anitta-ludmilla-e-pablllo-vittar/>. Acesso em 17 jul. 2023.

Cesarino sublinha que a internet não cria nada totalmente novo: “conspiracionismos são bem difundidos no espaço e no tempo, e tipicamente se associam a contextos de crise e dissonância, onde trabalham ao mesmo tempo o sintoma e a cura (2022, p. 230). A antropóloga, assim, lembra que processos desse tipo, em contextos históricos distintos, ganharam espaço em momentos de rápido desenvolvimento tecnológico e/ou eventos de crise e revolução. No caso, tratava-se de ideias conspiratórias afinadas com um tradicionalismo idealista e redentor capitaneadas e propagadas por grupos reacionários.

Em seu célebre *Psicologia de massas do fascismo*, Wilhelm Reich buscou de modo pioneiro examinar elementos que a *reação cultural* de grupos de direita fascista ressaltava no contexto dos anos 1930 e 1940: “se ela dá importância, não é por acaso ou como meio de ‘distrair’ a atenção” (2001, p.116). No contexto do fascismo clássico, “bolchevismo cultural” era um termo de guerra criado pelos nazistas, que alertava a família alemã “contra os efeitos pretensamente destruidores da igualdade de gênero e do desencantamento comunista de família” (Safatle, 2023, n.p.). Conforme Reich, o “bolchevismo cultural” e o “bolchevismo sexual” eram tópicos maiores da mobilização nazista naquele contexto.

Fica evidente que o desabono da extrema-direita com as artes e a produção cultural não é algo exatamente novo na história. Não surpreende, assim, que mesmo sob *forma comercial de cultura* (Kellner, 2001), a música, performance e todo repertório pop de tais cantoras ganhem também atribuições negativas por parte desses grupos. Assim, o raciocínio por detrás das mobilizações da extrema-direita frente à cultura é de que aquilo que concebem como “ordem natural da sociedade” viria sendo solapada por uma referida elite política cosmopolita “comunista”, por meio de seus representantes intelectuais instalados nos aparelhos estatais e midiáticos (Lynch; Cassimiro, 2022) – artistas, inclusive. Portanto, ainda que a cultura pop se adeque a padrões estéticos visando um *mínimo denominador comum* do mercado (Kellner, 2001) ou padronização estética para fins lucrativos, aposta-se nela, dentro dessa reflexão, como *ágora* de micro resistências em torno das subjetividades.

Segue-se Kellner na ideia de que a *cultura da mídia* apresenta *brechas* e *fissuras* em suas estruturas mercadológicas que possibilitam, também, narrativas contra-hegemônicas (ainda que em menor proporção). Em outras palavras, isso equivale dizer que mesmo dentro de um setor *mainstream* de produção industrial, é possível disputar o direito a significar e construir sentidos, por vezes, antitéticos a padrões culturais e sociais estabelecidos. Como bem ensinou Stuart Hall (2003), cultura é mais do que um acervo descritivo de modos de vida, mas, principalmente uma arena de disputas pelo direito de significar. Homi Bhabha

(1998), igualmente, sugere que a cultura é um espaço de conflito, onde as identidades são moldadas por práticas híbridas que desafiam as noções fixas de pertencimento. Nesse sentido, os sujeitos da cultura – como as artistas pop aqui em evidência – são historicamente posicionados considerando recortes interseccionais de gênero, raça, classe, sexualidade, dentre outras variáveis. Ademais, sentidos e narrativas presentes em suas estéticas e posicionamentos não são dados nem fixos, estão em disputa permanente (Oliveira; Enne; Castro, 2019).

Cultura pop como ágora política?

Com uma fortuna estimada em R\$500 milhões, Anitta emplacou *megahits* no Spotify e foi indicada a grandes prêmios como o Grammy Awards, Grammy Latino e American Music Awards. Ademais, Anitta construiu notória carreira empresarial para além do mercado musical: atualmente é sócia da Fazenda Futuro, embaixadora global do Nubank, mantém contratos publicitários com marcas como Rexona, Claro, Adidas (nível global), Samsung, Shein (nível global), Lay's (nos EUA), Dolce & Gabbana Maquiagem (nível global), além de comandar a área de criatividade da marca Beats, de propriedade da Ambev⁷. Gravou também com estrelas internacionais como Madonna.

Ludmilla Oliveira da Silva, então MC Beyoncé ainda no ano de 2012, deu passo decisivo quando apostou na música *Fala mal de mim* com o empresário e cantor MC Roba. Com mais de 10 anos de carreira, Ludmilla alcançou visibilidade e sucesso comercial para além do funk – tal como Anitta, inclusive, Ludmilla gravou com artistas do showbusiness internacional como Snoop Dogg e Card B⁸. Em 2020, Ludmilla tornou-se a primeira mulher negra latina com 1 bilhão de *streams* no Spotify⁹ e a mais transmitida no YouTube em 2022 conquistando também um Grammy Latino com *Numance*¹⁰. Consolidou então seu status

⁷ O sucesso empresarial de Anitta que vai muito além da música. Portal IG, [S.I], 8 de abril de 2023. Disponível em: <https://gente.ig.com.br/colunas/marcelo-de-assis/2023-04-08/o-sucesso-empresarial-de-anitta.html>. Acesso em: 14 ago. 2023.

⁸ Anitta e Ludmilla completam dez anos de carreira com visibilidade e poder além do circuito do funk. Portal G1, 13 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2022/07/13/anitta-e-ludmilla-completam-dez-anos-de-carreira-com-visibilidade-e-poder-alem-do-circuito-do-funk.ghtml>. Acesso em: 25 ago. 2023.

⁹ Ludmilla se torna 1ª mulher negra latina com 1 bilhão de streams no Spotify. São Paulo: 2 set. 2020. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/02/ludmilla-se-torna-primeira-cantora-negra-latina-com-1-bilhao-de-streams.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 25 ago. 2023.

¹⁰ Por que 2022 foi o melhor ano da carreira de Ludmilla?. Portal UOL, 30 dez. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/colunas/lucas-pasin/2022/12/30/por-que-2022-foi-o-melhor-ano-da-carreira-de-ludmilla.htm>. Acesso em: 15 ago. 2023.

como artista de destaque, inclusive internacional, com 15 milhões de ouvintes na mesma plataforma em 2023¹¹.

A dragqueen Pablló Vittar, por sua vez, destacou-se também como grande sucesso musical e comercial. Em 2018, enquanto 49.275.360 brasileiros iam às urnas votar em Jair Bolsonaro (PSL), Pablló tornava-se a artista mais ouvida no país durante o fim de semana daquelas eleições¹². No momento de sucesso de seu segundo álbum *Não para não*, a cantora tinha o maior número de entradas no Top 50 das mais ouvidas do Spotify. Ademais o clipe de *Disk Me* ocupava, à época, o topo da lista de vídeos musicais do YouTube, com mais de 6 milhões de visualizações. No Spotify, a artista fechou o domingo de eleições daquele ano com cinco músicas no ranking das mais ouvidas: *Disk Me*, em 7º lugar; *Problema Seu*, em 19º; *Seu Crime*, em 29º; *Buzina*, em 37º e *Não vou deitar*, em 50º. Na lista, dividiu o topo das colocações com outros/as dois artistas: Anitta e a dupla Zé Neto e Cristiano, com quatro entradas cada¹³.

Seguindo o etnomusicólogo John Blacking, defende-se aqui o argumento de que a música é uma “forma de pensamento e ação no mundo” (1995, p. 235), podendo ser utilizada para construir identificações individuais, compartilhamentos éticos e estéticos entre pessoas, ou o contrário, construir dissidências. Conforme Thiago Soares, a música apresenta capacidade singular de tensionar e problematizar dimensões políticas. No caso, as práticas de escuta e fruição musicais constituem fenômenos complexos, que lidam com “lazer, entretenimento, diversão e também posições de mundo, ideologias e engajamentos sociais” (Soares, 2021, p. 17). Para além disso, a música pode manifestar uma conexão estreita entre corpo e sexo, elaborando e discutindo códigos morais vigentes (Trotta, 2009) – vínculo que se torna ainda mais nítido em contexto de pânicos morais.

Isso significa dizer que Anitta, Ludmilla e Pablló Vittar – para além de outros ídolos da música pop – gerenciam afetos diversos entre seus públicos, além do profuso capital que movimentam dentro da indústria da música. Nesse sentido, a despeito do histórico niilismo político da Escola de Frankfurt em relação à cultura enquanto indústria, pode-se reconhecer

¹¹ Ludmilla atinge marco histórico de 15 milhões de ouvintes mensais no Spotify. [S.I.], 16 jul. 2023. Disponível em: <https://inmagazine.ig.com.br/categoria/musica/Ludmilla-atinge-marco-historico-de-15-milhoes-de-ouvintes-mensais-no-Spotify>. Acesso em 25 ago. 2023.

¹² Pablló Vittar foi a artista mais ouvida no Brasil durante as eleições. Revista Híbrida: 8 out. 2018. Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/musica/pablló-vittar-foi-a-artista-mais-ouvida-no-brasil-durante-as-eleicoes/>. Acesso em: 11 ago. 2023.

¹³ Idem.

que o pop também se apresenta como um espaço de potências políticas, onde o real e o simbólico se encontram em diálogo – sobretudo em um contexto de ofensiva antidemocrática.

Retomando Soares, “a música pop é uma articuladora de tessituras urbanas reais e ficcionais, a partir de vozes e corpos que se materializam entre redes de sociabilidades” (2015, p. 22). Seguindo este autor, reconhecem-se aqui novos modelos de *star system* em que as redes sociais digitais se apresentam como *ambientes performáticos* (Soares, 2023). Além disso, vale sublinhar que as fronteiras entre política, entretenimento e celebridade na cultura contemporânea encontram-se cada vez mais borradas. Como bem pontua P. David Marshall (2006), a ideia de autenticidade é muito mais marcada em celebridades da música do que em artistas de cinema e televisão. Ou seja, como também lembram França, Medeiros e Almeida (2021), a relação entre famosos e públicos se dá mais diretamente no terreno das redes sociais digitais, prescindindo da mediação das grandes mídias. No contexto brasileiro, tal formato interativo fica nítido na repercussão envolvendo manifestações das artistas mencionadas e os múltiplos agenciamentos que provocam.

As celebridades podem, assim, a partir de suas ações em rede, impulsionar movimentos de politização e/ou despolitização nas interações com seus públicos (Paixão-Rocha; Simões, 2021)¹⁴. Como explica Vera França (2014), celebridades nada mais são que indivíduos em destaque na cena pública e que engendram conhecimento, reconhecimento e culto por parte de uma coletividade. Sem negligenciar a dimensão mercadológica e capitalista das celebridades, isso equivale dizer que estas gozam de ampla visibilidade em um contexto social produzindo uma *afetação coletiva* (Paixão-Rocha; Simões, 2021).

No caso, uma celebridade também se caracteriza pela tênue separação entre o público e o privado: “na medida em que o sujeito mantém ou ascende em visibilidade, ele o faz através do conhecimento e reconhecimento de suas ações; esse movimento pode ocorrer através dos *media* e/ou propulsionado pelo próprio célebre nos espaços onde seus celebradores os acessam” (Paixão-Rocha; Simões, 2021, p. 205). Observa-se, portanto, uma delimitação bastante opaca entre o eu privado e o eu público das celebridades, assim como de lideranças políticas a serem mencionadas neste artigo. Como argumentam Paixão-Rocha e Simões (2021), essa fronteira pouco definida acaba por transfigurar situações que inicialmente

¹⁴ No contexto das eleições de 2018, cantores sertanejos, esportistas e personalidades televisivas (com exceção das personalidades da rede Globo) se posicionaram majoritariamente pelo apoio a Bolsonaro. Artistas e apresentadores da Rede Globo, e cantores de outros gêneros além do sertanejo (pop, funk, rap, MPB, axé, samba e pagode) estiveram, por outro lado, em proporção maior apoiando Haddad ou, pelo menos, aderindo à campanha do *#EleNão* (contra Bolsonaro) (França; Medeiros; Almeida, 2021).

seriam caracterizadas como ações privadas em ações públicas: vida amorosa, afazeres cotidianos, posicionamentos políticos. Assim, *politização* é elemento que ultrapassa a política institucional fluindo entre diferentes domínios políticos da sociedade (Wood; Flinders, 2014).

A fim de compreender os movimentos de politização das/os artistas e a cultura pop como arena de disputas simbólicas, foram coletadas notícias envolvendo seus nomes e a ofensiva conservadora/reacionária presentificada no bolsonarismo. Portanto, os dados que serão aqui apresentados são resultado de dois tipos de operações: uma busca direcionada no Google Notícias adotando os nomes das cantoras combinados a termos-chave como *Bolsonaro*, *bolsonarismo*, *extrema-direita*, *política*¹⁵ e nomes de aliados e principais ministros da ala ideológica do governo. Em seguida, realizou-se uma *análise discursiva de conteúdo* (Cesarino, 2020) desses materiais guiada pelas *controvérsias* (Latour, 2012; Pereira de Sá, 2014) envolvendo as artistas e ataques da extrema direita bolsonarista. Nesse movimento, chegou-se a um *corpus* aproximado de 50 notícias apresentadas por diferentes veículos informativos (Globo, Folha, Estadão, entre outros). Tal quantidade, entretanto, não teve intenção de amostragem em razão da coleta dos materiais ter se guiado por termos específicos no momento de busca. Partindo desse agrupamento, adotamos essas notícias como arquivos e como pontos iniciais de identificação de controvérsias que ocorreram na sua maior parte no terreno das redes sociais digitais, sobretudo o X (antigo Twitter)¹⁶. Entre os principais assuntos, destacam-se: ataques às artistas e produção de desinformação por parte de grupos bolsonaristas, posicionamento político das artistas (da isenção a posicionamento explícito), respostas das artistas a ataques em suas redes sociais digitais.

As notícias coletadas sobre a cantora Anitta em torno do assunto *política* seguem padrões que se modificam a cada ano considerado na análise. Entre as matérias publicadas no ano de 2018, destacam-se aquelas referentes ao seu posicionamento político nas eleições presidenciais – de uma inicial neutralidade à adesão à campanha *#EleNão* – e a cobrança de fãs por posicionamento explícito da cantora. A maioria das matérias publicadas em 2019 relembram as controvérsias envolvendo Anitta e as eleições do ano anterior. Em linhas gerais, as notícias de 2020 demonstram posicionamento político mais veemente contrário ao então presidente no contexto de pandemia. Em 2021, o número de notícias envolvendo política e a cantora aumentou substancialmente – quase todas elas narram embates com Bolsonaro e seus

¹⁵ No momento da consulta, ativou-se um filtro no mecanismo de busca considerando apenas os anos referentes ao recorte temporal da análise (2018-2023).

¹⁶ Daqui em diante, todas às menções à rede social serão feitas pelo nome atual, X.

apoiadores em redes sociais. Por fim, as notícias de 2022, envolvem continuidade dessas discussões com apoio explícito da cantora ao então candidato Lula. Destacam-se, em seguida, alguns trechos explicitando essa transição.

Em meio às eleições de 2018 e à cobrança de posicionamento político por parte de seus fãs, Anitta fez a seguinte declaração em suas redes sociais: “Não é porque eu sou uma artista e tenho uma vida pública que sou obrigada a dizer qual é meu voto e que eu devo receber ameaça e xingamento por eu não falar publicamente sobre isso”¹⁷. Somente em setembro daquele ano a cantora publicou um vídeo no qual afirmava não apoiar Jair Bolsonaro aderindo ao movimento #EleNão: “Fui desafiada pela Daniela Mercury a apoiar o movimento *hashtag* “ele não”. Quero aproveitar essa oportunidade para deixar claro para vocês de uma vez por todas que eu não apoio o candidato Bolsonaro”¹⁸.

No ano de 2021 sobretudo, durante a pandemia de Covid-19, acirraram-se os conflitos entre a cantora, o ex-presidente e seus apoiadores. No mês de junho, Anitta postou a seguinte frase no X: “500 mil mortes é sobre FORA BOLSONARO sim! A favor da democracia, da economia, da saúde, da educação, do senso COLETIVO”¹⁹. No mês de novembro, Jair Bolsonaro debochou de *live* realizada no Instagram sobre aulas de educação política entre a cantora e a advogada e apresentadora Gabriela Priolli. Em resposta ao ex-presidente, publicou um vídeo em sua página da mesma plataforma dizendo: “Ao invés de estar preocupado com o que eu estou fazendo da minha vida, devia estar cuidando do país, não é mesmo?” e “Fiz mais que o senhor”²⁰.

No ano de 2022, os embates entre a cantora e a ala ideológica do governo se tornaram ainda mais frequentes. Em abril daquele ano, o então Ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles, na condição de candidato a deputado federal, fez a seguinte postagem em sua conta na plataforma X:

¹⁷ Fãs se dividem sobre posicionamento de artistas em relação a Bolsonaro. Portal UAI, [S.I], 20 set. 2018. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/e-mais/2018/09/20/noticia-e-mais.234338/fas-se-dividem-sobre-posicionamento-de-artistas-em-relacao-a-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 27 ago. 2013.

¹⁸ Após polêmica, Anitta entra na campanha #elenão: "a favor da democracia". Estado de Minas, Belo Horizonte, 23 set. 2018. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/09/23/interna_politica.991102/apos-polemica-anitta-entra-na-campanha-elenao-a-favor-da-democracia.shtml. Acesso em: 27 ago. 2023.

¹⁹ Anitta rebate falas de Bolsonaro: ‘Sabendo mais da minha vida do que da crise’. Jovem Pan News, São Paulo, 28 out. 2021. Disponível em: <https://jovempan.com.br/entretenimento/famosos/anitta-rebate-falas-de-bolsonaro-sabendo-mais-da-minha-vida-do-que-da-crise.html>. Acesso em: 27 ago. 2023.

²⁰ Anitta rebate comentário de Bolsonaro sobre educação política: "Fiz mais que o senhor". Brasília, Correio Brasiliense, 23 nov. 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2021/11/4965201-anitta-rebate-comentario-de-bolsonaro-sobre-educacao-politica-fiz-mais-que-o-senhor.html>. Acesso em: 27 ago. 2023. A postagem original da cantora no Twitter, pode ser verificada no seguinte link: <https://twitter.com/AnittaCrave/status/1462934478301675525>. Acesso em: 18 jan. 2024.

Figura 1: Captura de tela de postagem de Ricardo Salles criticando a cantora Anitta e em defesa de um Brasil conservador.



Fonte: X, 2022, on-line

Trata-se de um vídeo de 45 segundos. Nele, inicia criticando o fato da cantora vestir uma roupa com as cores da bandeira nacional, o que em sua visão estaria degradando “um importante símbolo da nossa nacionalidade, do nosso patriotismo” (Salles, 2022). Em seguida, deixa explícito que aquilo que considera como “danças esquisitas” e “letras imorais” não são compatíveis com o “verdadeiro valor da família” e dos “valores conservadores” (idem). Finaliza o vídeo prescrevendo o que, para ele, de fato importa na cultura brasileira: “os valores do patriotismo” (idem). Diz: “nós sabemos o que importa para a família brasileira, nós sabemos o que importa para os brasileiros de bem, os brasileiros que vestem com muito orgulho as bandeiras do verde e amarelo, a gente deixa o vermelho para ela” (idem)²¹. Entre as respostas de usuários da plataforma, destacam-se comentários em apoio a Salles e outros em apoio à cantora, por exemplo:

Ela não representa as mulheres brasileiras e muito menos as famílias. Parabéns futuro senador (sic) por São Paulo. Tenha uma ótima tarde. Nossa bandeira jamais será vermelha.²²

²¹ [https://twitter.com/search?q=Anitta%20\(from%3Arsallesmma\)&src=typed_query](https://twitter.com/search?q=Anitta%20(from%3Arsallesmma)&src=typed_query). Acesso em: 24 jan. 2024.

²² <https://twitter.com/rsallesmma/status/1517174141174091784>. Acesso em: 24 jan. 2024.

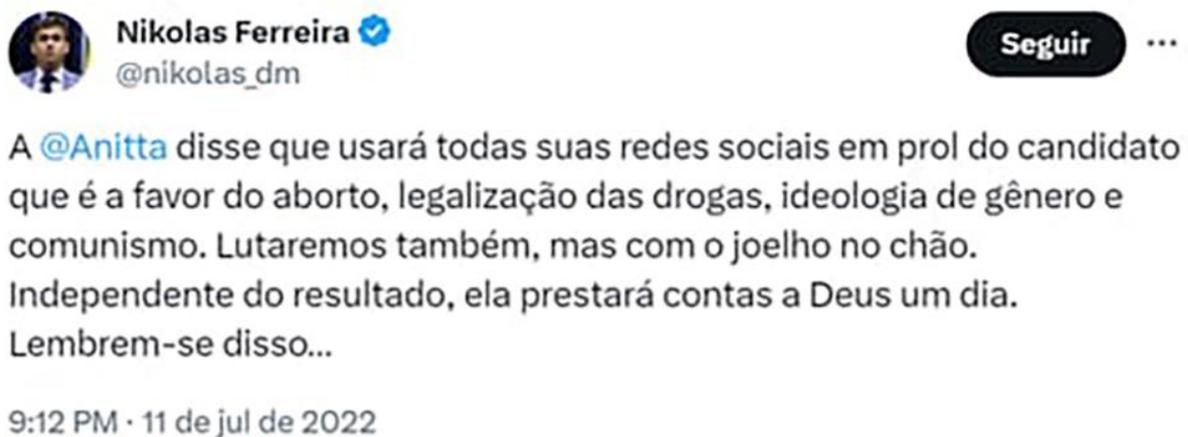
E por falar em verdadeiros valores da família, já pagaste a pensão dos seus filhos?²³

Em julho de 2022, já em contexto de ano eleitoral, Anitta foi explícita em relação ao seu voto:

Não sou petista e nunca fui. Mas este ano estou com Lula e quem quiser minha ajuda pra fazer ele bombar aqui na internet, tik tok, Twitter, instagram é só me pedir que estando ao meu alcance e não sendo contra a lei eleitoral eu farei²⁴.

Em meio à repercussão desse post, destaca-se aqui publicação do então candidato a deputado federal Nikolas Ferreira naquele mesmo dia:

Figura 2: Captura de tela postagem de Nikolas Ferreira a respeito de Anitta.



Fonte: X, 2022, on-line²⁵

Com semelhante juízo de valor, chama-se aqui atenção para post do então secretário de Cultura Mário Frias um mês antes das eleições nacionais:

²³ Idem.

²⁴ A prova de que Bolsonaro sentiu o peso do apoio de Anitta a Lula. Veja, [S.I.], 19 jul. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/a-prova-de-que-bolsonaro-sentiu-o-peso-do-apoio-de-anitta-a-lula>. Acesso em: 27 ago. 2023.

²⁵ https://twitter.com/nikolas_dm/status/1546648537273966597. Acesso em: 21 fev. 2024.

Figura 3: Captura de tela de postagem do então secretário de Cultura Mário Frias.



Fonte: X, 2022, on-line²⁶

Sobre a cantora Ludmilla, a quantidade encontrada de notícias deu-se em um número bastante inferior em relação à Anitta. No entanto, as temáticas envolvendo política seguem padrão semelhante ao da cantora considerando o recorte temporal da coleta. As notícias de 2018 referentes à Ludmilla tratam de ausência de posicionamento político nas eleições daquele ano e cobrança de fãs em redes sociais. Em uma das notícias, destaca-se uma fala de sua mãe, gravada em vídeo de Instagram, em defesa da cantora:

Gente, eu não queria entrar nessa onda de votação, de quem vai votar em quem, mas isso já tá me irritando. Quer dizer que a Ludmilla, a Anitta, como os demais artistas, são obrigados a dizer em quem vai votar? Gente, pelo amor de Deus! Se a Ludmilla comer cocô, a Anitta, e os demais, todo mundo vai comer? Se manquem! Parem com isso! Vão caçar o que fazer! Democracia! Parem de achar que Ludmilla e outros artistas precisam falar em quem vão votar, o voto é secreto ou vocês não sabem?²⁷

Tratando-se das mesmas temáticas envolvendo política, a partir de 2021, a artista se posicionou em temas envolvendo o governo federal como o veto de Bolsonaro contra a

²⁶ <https://twitter.com/mfriasoficial/status/1571978812916912129>. Acesso em: 21 fev. 2024.

²⁷ Mãe de Ludmilla desabafa sobre posicionamento político da cantora. Veja São Paulo, São Paulo, 21 set. 2018. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/coluna/pop/mae-de-ludmilla-desabafa-sobre-posicionamento-politico-da-cantora>. Acesso em: 27 ago. 2023.

distribuição gratuita de absorventes a mulheres de baixa renda. Em outubro daquele ano, a cantora postou a seguinte crítica em sua página do X:

É todo dia um 7x1 nesse governo. Tantas outras coisas pra se preocuparem, mas não, só querem f mais ainda a galera que já é sofrida e vulnerável. Imagina uma mulher não poder ir pra escola pq tá menstruada e não tem absorvente? Mas o leite condensado tá lá na mesa dele né²⁸.

Nos bastidores do Prêmio Multishow em outubro de 2022, Ludmilla foi questionada sobre os cantores sertanejos que estavam apoiando o presidente Bolsonaro para a reeleição. Disse à repórter, demonstrando explicitamente seu voto em Lula:

Acho que o sertanejo vive uma realidade completamente diferente. A gente que é do funk, da periferia, está mais chegado ao povo que está precisando de ajuda. O povo foi mais atingido do que a gente pela crise econômica. Eu acho que eles [sertanejos] vivem em outra realidade, e a gente está vivendo o que está acontecendo de fato. É 'L' no segundo turno²⁹.

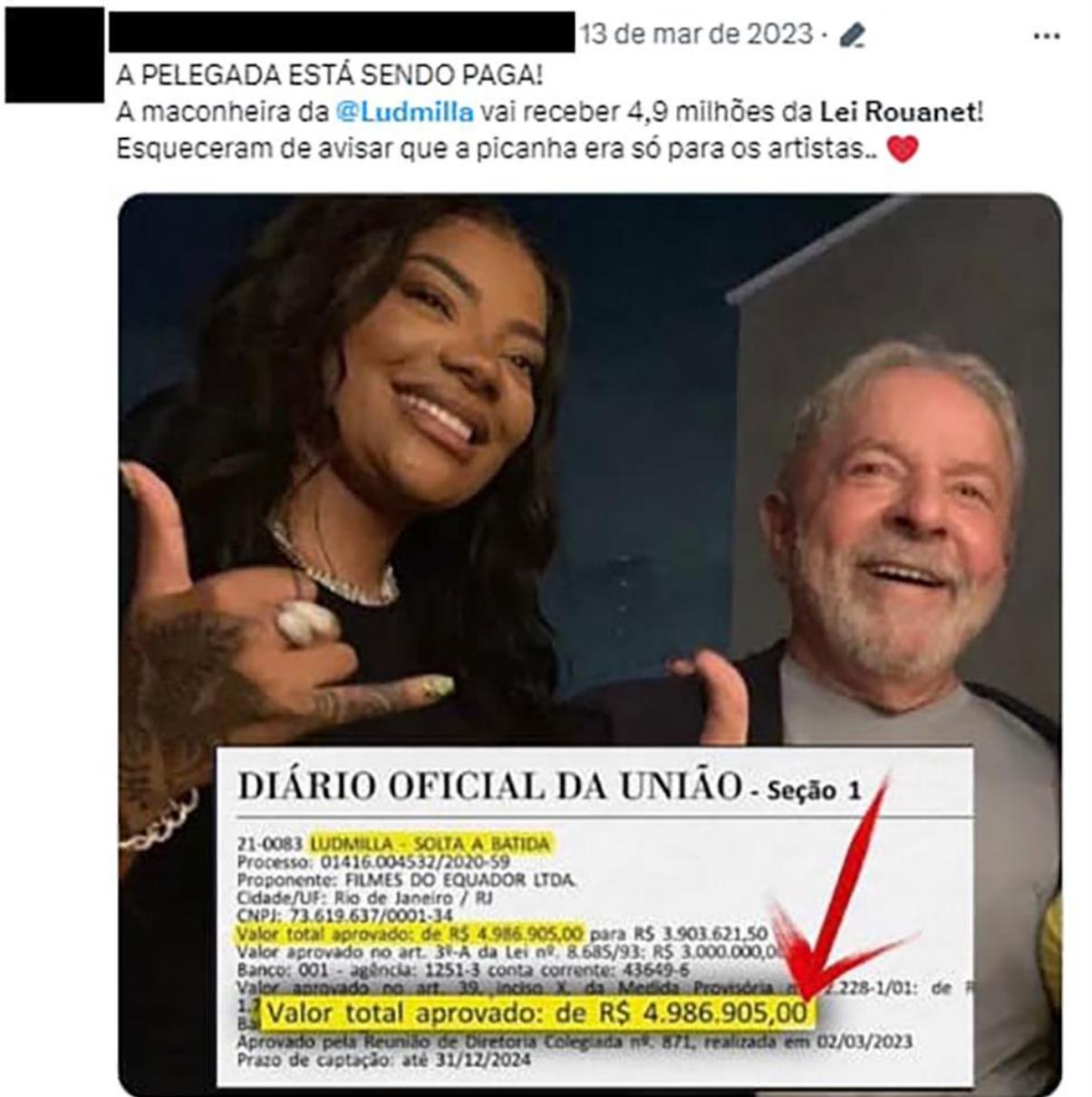
Em março de 2023, Mário Frias (PL) insinuou em seu perfil do X que Ludmilla teria recebido R\$5 milhões através da Lei Rouanet. O ex-secretário de Cultura de Bolsonaro alegou que a verba seria destinada a um programa de TV que contaria a história da artista. Na postagem, o deputado compartilhou uma montagem da cantora abraçada ao presidente Lula, ao lado de uma suposta manchete de jornal sobre o apoio que a artista deu à campanha eleitoral do presidente eleito³⁰.

²⁸ Ludmilla detona veto de Bolsonaro contra distribuição de absorventes. Observatório G (Bol), [S.I], 7 out. 2021. Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/famosos/ludmilla-detona-veto-de-bolsonaro-contra-distribuicao-de-absorventes>. Acesso em: 27 ago. 2023.

²⁹ Sertanejos ficam revoltados com Ludmilla após cantora criticar colegas que apoiam Bolsonaro. Correio 24h, Salvador, 25 out. 2022. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/em-alta/sertanejos-ficam-revoltados-com-ludmilla-apos-cantora-criticar-colegas-que-apoiam-bolsonaro-1022>. Acesso em: 27 ago. 2023.

³⁰ Cantora Ludmilla consegue liminar contra Mário Frias por fake News. CNN Brasil, Rio de Janeiro, 8 jun. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/cantora-ludmilla-consegue-liminar-contra-mario-frias-por-fake-news/>. Acesso em: 22 jan. 2024.

Figura 4: Captura de tela de usuário do X comentando a foto postada por Mário Frias.



Fonte: X, 2023, on-line ³¹

Nessa mesma página do X com resultados de postagens sob os termos de busca *Ludmilla + Lei Rouanet*, encontra-se comentários de apoiadores do ex-presidente que nos dá dimensão de quais valores sociais permanecem em disputa nesses embates – como o texto da

³¹ Trata-se de foto postada por usuário comum do X comentando a então postagem de Frias. A postagem oficial do deputado não se encontra mais nos arquivos do perfil oficial do deputado. Foi retirada em junho daquele mesmo ano por determinação judicial. Disponível em: <https://twitter.com/BrunoEnglerDM/status/1635409125281767424>. Acesso: 21 fev. 2024.

imagem acima referindo-se à cantora como “a maconheira da @Ludmilla”. Destacam-se aqui comentários de usuários:

“Cantora Ludmilla que pode receber até 4 milhões da Lei Rouanet faz música se intitulando ‘**sapadona que chupa xox**a**’ (grifos meus)”.
“(…) nosso dinheiro indo para artistas ricos, pra que eles subam num palco e “cantem” apologia **a tudo que é ilícito no país.** (...) (grifos meus)”³².

Diferentemente das duas cantoras, Pablllo Vittar se posicionava, desde o ano de 2018, assertivamente contrária à candidatura de Jair Bolsonaro. Depois do resultado confirmando a eleição do então presidenciável do PSL em 28 de outubro de 2018, a artista postou uma foto de um arco-íris no Instagram e escreveu: “eu resisto”³³.

A maior parte das notícias referentes à cantora, mencionava inúmeras *fake news* que a envolviam e campanhas de grupos bolsonaristas em boicote a seus videoclipes no YouTube. Naquele ano, entre os muitos boatos envolvendo a artista, noticiava-se que ela seria candidata à presidência, faria turnê por escolas, apresentaria programa infantil na TV, engravidaria bailarina do Faustão, receberia R\$ 5 milhões da Lei Rouanet, cantaria hino de estreia na Copa e estamparia o novo rosto nas cédulas de R\$50³⁴. Grande parte dessas falsas narrativas circulavam em grupos de WhatsApp e em postagens de redes sociais feitas por pessoas comuns.

Também em outubro de 2018, eleitores de Bolsonaro organizaram mutirão nas redes sociais para dar dislike no videoclipe *Disk Me* então recém lançado no YouTube. O intuito era passar a impressão de rejeição ao trabalho da *drag queen*. Em reação, outros internautas pediam a seus seguidores que curtissem o vídeo de Pablllo. Assim, mesmo quando alguém entrava para descurtir o vídeo, o número de visualizações aumentava ajudando a cantora a ficar entre as mais assistidas do YouTube.

Nos anos posteriores, sobretudo entre 2021 e 2022, as notícias envolvendo política e o nome da cantora seguiam a mesma tendência daquelas a respeito de Anitta e Ludmilla: discussões em redes sociais com apoiadores de Bolsonaro e posicionamento explícito a Lula em 2022. Entre seus principais posicionamentos em 2021, destacam-se as seguintes falas da

³² <https://twitter.com/BrunoEnglerDM/status/1635409125281767424>. Acesso em 24 jan. 2024.

³³ Pablllo Vittar reage à eleição de Jair Bolsonaro: “Eu resisto”. Metrópolis, [S.I.], 28 out. 2018. Disponível em: <https://www.metropoles.com/celebridades/pablllo-vittar-reage-a-eleicao-de-jair-bolsonaro-eu-resisto>. Acesso em: 27 ago. 2023.

³⁴ Pablllo Vittar vira um ímã de fake news na cultura pop. O Globo, Rio de Janeiro, 1 abr. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/pablllo-vittar-um-ima-de-fake-news-na-cultura-pop-22544332>. Acesso em: 22 jan. 2024.

cantora em entrevista para o portal F5 da Folha de São Paulo³⁵: “O que me deixa triste é o Bolsonaro no poder. O que me deixa com tesão... vacina no meu braço, seria um tesão”. Questionada sobre artistas que preferiam não se posicionar politicamente, a cantora acreditava se tratar de pessoas que votaram no presidente: “Ai, mona, porque é conivente, porque apertou 17 bem gostoso. Não podemos olhar isso tudo e pensar que está tudo normal”.

Emenda:

Não podemos todo dia ligar a TV e ver um monte de gente morrendo de um vírus que tem vacina. É o seu papel, como pessoa que está lá representando o país, comprar as vacinas, dar vacina, cuidar da população. E não debochar com escárnio igual ele [o presidente Jair Bolsonaro] faz. É revoltante. (...) E se você, que tem uma plataforma grande, é artista, está na novela, cantando, tem que botar a boca no trombone mesmo. Acho muito feio artistas que se privam disso e ainda se acham no direito de se incomodarem com cobrança. Isso é ridículo³⁶.

Tal ambivalência, hoje em dia, parece ter se tornado maior num mundo de comunicação em redes e de consumo fragmentado. Assim, múltiplos sentidos são possíveis a partir de Anitta, Ludmilla e Pablllo Vittar, de feministas, militantes LGBTQs a adeptos do bolsonarismo – no campo da Comunicação, existe hoje maior consenso de que o sentido não se captura de modo unidirecional.

Considerações Finais

Em contexto de (re)emergência de fascismos e neofascismos, um momento decisivo é a guerra contra as artes e expressões culturais. Compreendendo esses movimentos como *forma [contra]revolucionária de vida* (De Marchi; Ourique, 2023) em lugar simplesmente de mero movimento político, tem-se a compreensão de que essas forças buscam alterar o modo de subjetivação de indivíduos, tendo agência sobre a circulação do desejo, a linguagem e o corpo (idem). No entanto, como bem pondera Nancy Fraser (2019), uma política progressista de reconhecimento e representatividade valorizando a diversidade (inclusive cultural), não sobreleva por si só uma política econômica regressiva, pró-negócios. Vale lembrar que no contexto em que refutava declarar-se publicamente contrária a Bolsonaro em 2018, Anitta foi

³⁵ Pablllo Vittar lança álbum, critica Bolsonaro e diz estar com tesão em vacina. F5 (Folha de São Paulo), [S.I.], 24 jun. 2021. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/musica/2021/06/pablllo-vittar-lanca-album-critica-bolsonaro-e-diz-estar-com-tesao-em-vacina.shtml>. Acesso em: 18 jan. 2024.

³⁶ Idem.

acusada por seguidores de oportunista, pois monetizava pautas feministas e LGBT, mas não as defendia quando não existia lucro financeiro (Paixão-Rocha; Simões, 2021, p. 213).

Portanto, o argumento que aqui se coloca é de que as celebridades mencionadas se apresentam como contrapontos políticos a discursos e poderes que buscam um outro mundo restaurador da tradição. Mais que *cortina de fumaça*, discursos de ordem reacionária e antagônicos às celebridades pop referenciadas aparentam ter sido um de muitos outros sintomas de crise social em que a esfera privada reacionária se sobrepõe ao espaço político. Por detrás dos discursos comuns a líderes de extrema-direita como Trump, Bolsonaro e aliados perpetua-se internacionalmente uma crise estrutural da sociedade capitalista que em muitos aspectos demonstra-se menos propenso às diversas adaptações do capitalismo liberal frente a diversas corporeidades estigmatizadas ao longo da história (Fraser, 2019). Em síntese, mais que conspiração, uma onda de reinvenção das tradições e da prescrição de uma nova moral privada a partir do Estado e estruturas que dele deriva pode ser identificada nos rastros de controvérsias envolvendo políticos de extrema-direita e as cantoras pop. Tais narrativas, quando não atingem diretamente celebridades da música, atingem indiretamente segmentos e populações que ganharam, a partir de lutas por reconhecimento, significativos espaços de representação, inclusive no caldo do *mainstream*.

Referências

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BLACKING, John. **Music, culture and experience**. Chicago: Chicago University Press, 1995.

CARVALHO, Olavo de. **A Nova Era e a Revolução Cultural**. São Paulo: Stella Caymmi, 1994.

CESARINO, Letícia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **Internet & Sociedade**, v. 1, p. 92-120, 2020.

CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso: verdade e política na era digital**. São Paulo: UBU Editora, 2022.

CODATO, Adriano, BOLOGNESI, Bruno, ROEDER, Adriana Mattos. A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador. In: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Orgs.). **Direita volver!**: O retorno da direita e o ciclo político. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

DE MARCHI, Leonardo ; OURIQUE, Julia. Cartografando a[r]tivismos em tempos de [re]existência: Arte e política em tempos sombrios. **GALÁXIA (SÃO PAULO. ONLINE)**, v. 47, p. 1-9, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/qVfTfps7YHSHFK5T9jRkTgg/?lang=pt>. Acesso em: 1 set. 2023.

FELINTO, Erick. “Olavo tem Razão”: Olavo de Carvalho, Esoterismo e os Mitos Conspiratórios do Imaginário Político Neoconservador. In: ANAIS DO 29º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2020, Campo Grande. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2020. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2020/trabalhos/olavo-tem-razao-olavo-de-carvalho-esoterismo-e-os-mitos-conspiratorios-do-imagin?lang=pt-br>. Acesso em: 1 set. 2019.

FRANÇA, Vera. Celebidades: Identificação, idealização ou consumo? In: FRANÇA, V. *et al* (orgs). **Celebidades no Século XXI**: transformação no estatuto da fama. Porto Alegre: Sulina, 2014.

FRANCA, Vera; MEDEIROS, Fernanda; ALMEIDA, Maria Lúcia A. As celebridades nas eleições 2018. Posicionamentos e ênfases discursivas. In: PRADO, Denise; TAVARES, Frederico; TAVARES, Michele. (Org.). **Mídia, tempo e interações sociais**. 1. ed. Belo Horizonte: Selo PPGCOM UFMG, 2020, v. 1, p. 239-260.

FRASER, Nancy. **O velho está morrendo e o novo não pode nascer**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

FREITAS, Sara da Silva; TARGINO, Janine; GRANATO, Leonardo. A política cultural e o governo Bolsonaro. **Brasília: Journal for Brazilian studies**. London, v. 10, n. 1, p. 219-239, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/231672>. Acesso em: 1 set. 2019.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HUNTER, James Davison. **Culture wars**: the struggle to define America. New York: Basic Books, 1991.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia - estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social**: Uma Introdução à Teoria Ator-Rede. Salvador, UFBA, 2012.

LYNCH, Christian; CASSIMIRO, Paulo Henrique. **O populismo reacionário**: ascensão e legado do bolsonarismo. São Paulo: Editora Contracorrente, 2022.

MAHL, Daniela; SCHÄFER, Mike; ZENG, Jing. Conspiracy theories in online environments: na interdisciplinary literature review and agenda for future research. **New Media & Society**,

p. 1-21, 2023. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/14614448221075759>. Acesso em: 1 set. 2013.

MARSHALL, P. David. **Celebrity and power: fame in contemporary culture**. Minneapolis, London: University of Minnesota Press, 2006.

MINICCINO, Michael. A nova idade das trevas: a Escola de Frankfurt e o “politicamente correto”. **Pol. Cult. Rev.**, Salvador, v. 15, n. 1, p. 219-268. jan./jun.2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/download/48455/27343>. Acesso em: 1 set. 2023.

NOBRE, Marcos. **Limites da democracia: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro**. São Paulo: Todavia, 2022.

OLIVEIRA, Ohana Boy; ENNE, Ana Lucia; CASTRO, Flávia Castro de. Representações identitárias em disputa em um mundo em transformação. **Novos Olhares**, v. 8, p. 47-60, 2019.

ORTELLADO, Pablo; SILVA, Diogo de Moraes. Apresentação: as disputas políticas no campo da cultura. A nova idade das trevas: a Escola de Frankfurt e o “politicamente correto”. **Pol. Cult. Rev.**, Salvador, v. 15, n. 1, p. 8-21. jan./jun.2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/download/48455/27343>. Acesso em: 1 set. 2023.

PAIXÃO-ROCHA, Pedro; SIMÕES, Paula Guimarães. A Celebridade é política? movimentos de politização e despolitização entre Anitta e seus públicos. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 201–225, 2021. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27702. Acesso em: 1 set. 2023.

PEREIRA DE SÁ, Simone. Contribuições Da Teoria Ator-Rede Para A Ecologia Midiática Da Música. **Contemporanea**, v. 12, p. 537-555, 2014.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. Goiânia: Caminhos, 2021.

SAFATLE, Vladimir. Violências e libido: fascismo, crise psíquica e contrarrevolução molecular. **Estilhaço**, v. 1, p. 1, 2023.

SOARES, Thiago. Percursos para estudos sobre música pop. In: SÁ, Simone Pereira de; CARREIRO, R.; FERRAZ (Orgs). **Cultura Pop**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/42889190/Percursos_para_estudos_sobre_m%C3%BAsica_pop. Acesso em: 1 set. 2023.

SOARES, Thiago. **Modos de experienciar a música pop em Cuba**. Recife: Editora UFPE, 2021.

SOARES, Thiago. Performance e capital especulativo na música pop. **Logos**, [S.l.], v. 29, n. 1, mar. 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/70919>. Acesso em: 1 set. 2023.

TATAGIBA, Luciana; TRINDADE, Thiago; TEIXEIRA, Ana Claudia Chaves. Protestos a direita no Brasil (2007-2015). *In*: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Orgs.). **Direita volver!**: O retorno da direita e o ciclo político. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

TROTTA, Felipe. Música popular, moral e sexualidade: reflexões sobre o forró contemporâneo. **Revista Contracampo**. v. 1, n. 49, Rio de Janeiro, 2009. p. 132-146. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17184/10822>. Acesso em: 22 ago. 2021.

WOOD, Matt; FLINDERS, Matthew. Rethinking Depoliticisation: Beyond the Governmental. **Policy & Politics**, v. 42, n. 2, abr. 2014, p. 151-170. Disponível em: <https://academic.oup.com/policy-press-scholarship-online/book/23651/chapter-abstract/184839221?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 1 set. 2023.

Dados de Autoria

Rafael Zincone

E-mail: rafaelzincone@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-5850-2574>

Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Minibiografia: Doutor em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PPGCOM-PUC-Rio). Bacharel em Economia e mestre em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense (PPGMC/UFF). Pesquisador e colaborador dos grupos de pesquisa Musilab (UFF) e Grecos (UFF). Concentra suas pesquisas em economia política da cultura, nos estudos de som e música e na interface economia, política e estéticas musicais.

Dados do artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese:

Não se aplica.

Fontes de financiamento:

Não se aplica.

Apresentação anterior:

Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais:

Não se aplica.

Dados sobre Cuidados Éticos e Integridade Científica

A pesquisa que resultou neste artigo teve financiamento?

Não.

Financiadores influenciaram em alguma etapa ou resultado da pesquisa?

Não se aplica.

Liste os financiadores da pesquisa:

Sem financiamento externo.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com os financiadores da pesquisa?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Sem financiamento externo.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização mencionada pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não há vínculos desse tipo.

Autora, autor, autores têm algum vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização que pode ser afetada direta ou indiretamente pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não há vínculos desse tipo.

Interferências políticas ou econômicas produziram efeitos indesejados ou inesperados à pesquisa, alterando ou comprometendo os resultados do estudo?

Não.

Que interferências foram detectadas?

Nenhum efeito inesperado do tipo foi detectado.

Mencione outros eventuais conflitos de interesse no desenvolvimento da pesquisa ou produção do artigo

Não há conflitos de interesse.

A pesquisa que originou este artigo foi realizada com seres humanos?

Não.

Entrevistas, grupos focais, aplicação de questionários e experimentações envolvendo seres humanos tiveram o conhecimento e a concordância dos participantes da pesquisa?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Participantes da pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

A pesquisa tramitou em Comitê de Ética em Pesquisa?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa aprovou a coleta dos dados?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Mencione outros cuidados éticos adotados na realização da pesquisa e na produção do artigo:

Anonimização de participantes que não são figuras públicas em publicações do X.